

# Objeto arquitetônico

FABIANO DIAS

As reuniões públicas que vêm acontecendo por conta da revisão do PDU de Vitória estão sendo no mínimo reveladoras. O embate é quase sempre entre os que vêm no novo Plano Diretor Urbano uma melhoria qualitativa para a cidade e os que vêem seus negócios imobiliários ameaçados. Sempre que há uma mudança no PDU, essa é uma imagem que constantemente se repete. Mas, entre essas discussões acaloradas, se sobressaiu a de uma colega nossa, arquiteta, que expressou sua preocupação quanto à arquitetura que irá surgir deste novo PDU.

Como Arquitetos, temos por força de nossa formação uma preocupação quanto ao objeto arquitetônico que estamos projetando, e que, por conseguinte, se transformará em uma obra futura. A obra, como materialização do projeto arquitetônico, estará sempre ocupando uma parcela da cidade e, quando conduzida pelo mesmo arquiteto, mostrará os seus acertos e erros. É sua parcela de responsabilidade sobre a cidade.

Para nossa colega, com os novos índices construtivos do novo PDU, principalmente para o Bairro Jardim Camburi (o último "filé" de Vitória, como disseram alguns), as novas construções poderão se tornar esteticamente piores. Isso porque, diferente do PDU vigente, toda a área construída, incluindo-se varandas, áreas comuns, dutos de ventila-

ção, por exemplo, serão contadas como áreas aproveitáveis.

Ou seja, antes nossos "caixotes" padronizados tinham as varandas para suavizar (ou quebrar) sua forma rígida, mas agora, com o preço estratosférico do metro quadrado e a mentalidade dos empreendedores, a construção será aproveitada ao máximo, transformando os "caixotes" em verdadeiras caixas de sapato lisas e repetitivas.

Temos que assumir uma visão qualitativa e não meramente quantitativa de nossas construções. Mas esta é a questão! Construir menos não significa diminuir os lucros, mas sim mudar para uma postura onde o construir menos é diminuir o número de unidades sobre o solo, aumentando as áreas internas de cada unidade, em um projeto focado na qualidade de vida e não no entulhamento de pessoas sobre o lote.

Fica então o desafio de se produzirem boas arquiteturas com estéticas diferenciadas e preocupadas com o seu entorno, com a chuva, o sol e ventilação cruzada, mas isso tudo está estritamente ligado à sensibilidade de cada empreendedor. O diferencial será agora como cada construção se adequará à cidade. Mas é primordial também mudarmos nossa visão sobre a cidade, e assumirmos nossa parcela de responsabilidade sobre ela – principalmente os que a constroem.

**Fabiano Dias** é arquiteto-urbanista

+

Artigo publicado no jornal A Gazeta, seção Opinião, pag. 03, no dia 22/08/2005.